A. LEMOS BARBOSA

Estudos de Tupi

O "Diálogo de Léry" na restauração de PLINIO AIROSA

BUREAU OF AMERICAN
DEC 15 1948
ETHNOLOGY LIBRARY

PM7178 B3
L4

PMT 7478

ESTUDOS DE TUPI

A. LEMOS BARBOSA

Estudos de Tupi

O "Diálogo de Léry" na restauração de PLINIO AIROSA

1944

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú
http://www.etnolinguistica.org/biblio:barbosa-1944-estudos

PM7178.3
.L4

Explicação preliminar

Êste opúsculo contém vários artigos publicados na "Revista Filológica" do Rio de Janeiro a respeito da restauração do texto tupi do Diálogo de Jean de Léry, *feita pelo Professor* Plínio Airosa.

Reunindo-os, é minha intenção facilitar aos leitores um juízo imparcial sôbre o pleito e demonstrar que não me moveu o intento de combater o catedrático de São Paulo mas tão só o de defender a integridade do tupi e a credulidade pública, ameaçadas com as suas publicações.

Vem em primeiro lugar meu estudo "O Diálogo de Léry", estampado no n. 16 daquela Revista.

Para minha própria defesa, e prova de minha absoluta sinceridade, incluo neste opúsculo a "Carta-aberta" que o professor Airosa *me dirigiu (n. 19) e que motivou meu segundo artigo "Ainda o Diálogo de Léry" (n. 25), no qual tive de exprimir com muito maior clareza o conceito exato que faço das obras de* Airosa.

No dia em que se conhecer melhor o tupi no Brasil, sei que os entendidos julgarão severissimamente as obras de Airosa *e porventura estranharão a benignidade de expressões de meu primeiro artigo.*

Em apêndice, publico, pela primeira vez, uma ligeira resposta às apreciações saídas na Bibliografia da Língua Tupi-Guarani *de* Plínio Airosa, *a respeito de meus artigos sôbre tupi.*

NOTA — Por faltarem na tipografia as respectivas matrizes, não foi possível transcrever convenientemente o **u**, o **i**, o **y** e o **e** nasais, pelo quê aparecem aqui essas letras seguidas de **n**: **sun**, **eyn**, **peen**, **jaben**, etc., ao invés de **su** (til), **ey** (til), **pee** (til), **jabe** (til).

I

O "DIÁLOGO" DE LÉRY

Poucos livros dêste ano terão sido mais bem acolhidos pela crítica do que a "Viagem à terra do Brasil" de Jean de Léry (1), tradução de Sérgio Milliet, recentemente dada a público pela Livraria Martins de S. Paulo. Consagrou-se destarte o êxito literário dêsse vol. VII da preciosíssima "Biblioteca Histórica Brasileira", que se está formando sob a orientação esclarecida de Rubens Borba de Morais.

Mas constituíu para mim grande decepção o capítulo XX da obra, que encerra o célebre diálogo ou colóquio em tupi, (2) e cuja publicação ficou sob a responsabilidade de Plínio Airosa, catedrático de tupi na Universidade de S. Paulo.

1 — A decepção começa por uma grave falha, de caráter geral.

Numa edição que pretende ser "cuidadosamente feita e comentada", por se tratar de uma obra que "tem valor excepcional como documento histórico, etnográfico e até musical", era de esperar que o texto tupi viesse transcrito de acôrdo com as melhores edições, já que não as há perfeitas. Era o que merecia um dos documentos mais extensos e mais antigos do tupi. Mas, para desapontamento dos estudiosos, o diálogo só vem transcrito de acôrdo com a "tentativa" de restauração de Plínio Airosa. Sob êste aspecto, não há dúvida que a publicação da Livraria Martins se coloca abaixo de qualquer outra edição, mesmo popular, de Léry.

2 — Apresentando-a, Rubens Borba de Morais diz que a tradução "sai agora enriquecida com notas eruditas e preciosas de Plínio Airosa, que conseguiu também, e pela primeira vez, interpretar e reestabelecer o texto tupi do famoso diálogo". E Sérgio Milliet acrescenta:

---

(1) Jean de Léry. "Viagem à Terra do Brasil". Tradução integral e notas de Sérgio Milliet segundo a edição de Paul Gaffarel, com o Colóquio na língua brasílica e notas tupinológicas de Plínio Airosa. São Paulo.

(2) Colóquio de entrada ou chegada ao Brasil, entre a gente do país chamada tupinambá e tupiniquim, em linguagem brasílica e francesa. Restaurado, traduzido e anotado por Plínio Airosa, pp. 246-277.

"O capítulo em tupi foi entregue à indiscutível competência de Plínio Airosa, que o traduziu e sàbiamente anotou".

A verdade, porém, manda dizer que são grandes as falhas e erros de Plínio Airosa, tanto na sua restauração, como na tradução, como nas anotações.

3 — Plínio Airosa lamenta que Batista Caetano, seu antecessor na árdua tarefa de interpretar o diálogo de Léry, tenha "tentado reduzir as frases e palavras de Léry, caracterìsticamente do fácies brasílico da língua, às formas e peculiaridades que essa mesma língua havia tomado no Paraguai e regiões circunvizinhas".

É, por isso mesmo, curioso notar como também Airosa às vezes deixe passar formas guaranis em lugar das formas tupis, as únicas admissíveis na obra de Léry.

Comparem-se as restaurações de Airosa com o texto de Léry e com as formas tupis correntes nos vocabulários e gramáticas: (3)

AIROSA		LÉRY	TUPI
Págs.			
250	*henoín*	—	*senõi*
253	*hepiák*	*cepiak*	*sepiak*
253	*easoiabóg*	*easóiavok*	*eiasojabok*
258	*aityg*	*aityh*	*aityk*
260	*héra*	*sere*	*sera*
262	*jasseóg*	*asseoc*	*aseoka*
263	*sapég*	—	*sapek*

Acrescente-se o uso da preposição *upé*, da partícula de plural *guér* e da conjunção *ha*, que são específicas do guarani.

4 — Frequentemente, de acôrdo com o dialeto guarani, Airosa omite a consoante final das palavras, quando o próprio Léry a registra:

(3) Os números que precedem as palavras restauradas por Airosa indicam as páginas da "Viagem à Terra do Brasil".
O texto de Léry citado neste artigo é o mesmo usado por Batista Caetano nos seus "Apontamentos sôbre o abanheenga". Omito porém to! s os acentos inúteis, e corrijo, quando necessário, a divisão das palavras.

AIROSA Págs.		LÉRY	TUPI
252	*su* (*)	*son*	*suna*
253	*ey* (*)	*eum*	*eyma*
254	*retã*	*retam*	*retama*
256	*uã*	*ouam*	*uama*
256	*rã*	*rem*	*rama*
260	*eporandú*	*epourendoup*	*eporandub*
262	*kã*	*cam*	*kama*
263	*emojy*	*emojip*	*emojyb*
263	*rakú*	*racoup*	*rakub*

5 — A restauração, para merecer tal nome, deveria visar, em quanto possível, à reconstituição do texto qual o recolheu Léry, e não como o teriam escrito outros autores. Destarte se poderia avaliar melhor o estado da língua na época e lugar em que o diálogo foi recolhido.

Alguns exemplos. As palavras que em outros autores aparecem com a terminação *r* (4), figuram, normalmente, em Léry, terminadas em *t*. Êsse fenômeno, sempre facultativo no tupi (5), assume o aspecto de regra geral no Colóquio (6). Devia portanto ser respeitado.

P. Airosa, porém, descura êsse fato. Na sua restauração, o *t* de Léry ora se converte em *r* (de acôrdo com a mais usual forma tupi), ora desaparece (de acôrdo com o guarani):

LÉRY	AIROSA Págs.		LÉRY	AIROSA Págs.	
aiout	250	*ajú*	*rapoupit*	262	*rapypy*
aout	250	*oú*	*essessit*	262	*esesy*
arout	251	*arú*	*moussacat*	264	*mosaká*
mossaput	251	*mosapyr*	*requeit*	264	*rykeyra*
guyapat	252	*guyrapár*	*tipet*	264	*jetipé*
potat	253	*potá*	*siit*	264	*syy*
touaiat	256	*tuaiá*	*raiit*	264	*rajyra*
ourapat	259	*ybyrapár*	*eyot, peiot*	266	*ejó, pejó*
ygat	260	*ygár*	*emoout*	266	*emoúr*

6 — Ocorre ainda em Léry a permuta do *b* final por *p*. É aliás também fenômeno facultativo, embora

(4) Seguida de *a* nos substantivos, adjetivos e infinitivos.
(5) Anchieta, 8v.
(6) Excetuam-se os dissílabos paroxítonos e seus compostos: *jara, tera*, etc.
(*) *AIROSA* escreve o u e o y com til. Por falta de matrizes, omitiremos o til.

raro, em tupi. (7) Nas mãos de P. Airosa, êsse *p* ora se converte em *b* (de acôrdo com o dialeto tupi), ora se conserva (de acôrdo com o texto), ora desaparece (de acôrdo com o guarani):

LÉRY	AIROSA Págs.		LÉRY	AIROSA Págs.	
ioup	251	*jáb*	*opap*	258	*opá*
mocap	252	*mokáb*	*atourassap*	258	*aturasáp*
pep	253	*péb*	*cotouassap*	258	*kotuasáp*
kuap	253	*kybáb*	*verap*	259	*veráb*
rorup	256	*rory*	*epourendoup*	260	*eporandú*
couap	256	*kuáp*	*escendoup*	261	*esendúb*
tereicouap	256	*tereikuáp*	*emojip*	263	*emojy*

7 — O *a* final átono não vem assinalado por Léry, nem pelos outros autores franceses, que, em geral, o substituem por *e*, outras vezes o omitem simplesmente. Na sua reconstrução, P. Airosa em geral o proscreve, mas também, às vezes, o admite:

LÉRY	AIROSA Págs.		LÉRY	AIROSA Págs.	
ak	252	*áka*	*tave*	261	*tava*
Sapopem	254	*Sapopéma*	*ave*	"	*áva*
ygerre	255	*iguára*	*aioure*	262	*ajúra*
couap (ger.)	256	*kuáp*	*ave*	"	*áva*
raire	258	*rayra*	*encg*	"	*ang*
aouaire	"	*aú guéra*	*reuire*	"	*rebyr*
rouagerre	"	*robajára*	*encggouere*	"	*anguéra*
roupiare	"	*rupiára*	*porracassare*	264	*porakasára*
recassari	"	*rekasára*	*rerecouarre*	"	*rerekuára*
rere	259	*réra*	*rebure*	"	*rybyra*
tave	"	*Táva*	*renadire*	"	*reindyra*
tere porenc	260	*Téra poráng*	*reue (rure)*	"	*riyra*
gerre	"	*guára*	*gnengave*	"	*ñeengáva*

E introduz o *a* mesmo em casos em que êle não é admitido nem sequer nos dialetos setentrionais:

LÉRY	AIROSA Pág.		TUPI e GUARANI
tav ouscou	260	*tavausú*	*tabusú*

Em dois casos, entretanto, conserva o *e* de Léry:

(7) Anchieta, 8v.

LÉRY	Págs.	AIROSA	TUPI
engatouresme	256	*angaturáme*	*angaturama*
ybueture	259	*ybytyre*	*ybytyra*

8 — Uma das peculiaridades de Léry, que P. Airosa teve a explícita intenção de respeitar, é a permuta do *b* pelo *v*. Mas essas mesmas letras não são tratadas igualmente pelo restaurador. Normalmente Airosa respeita o *v* de Léry, mas, mais de uma vez, sem regra fixa, substitue-o pelo *b*:

LÉRY	Págs.	AIROSA
avé	260	*jabé*
remiduá-ave	262	*rendybá-áva*
reuire	262	*rebyr*
iuva	262	*jybá*
assovaritin	267	*asobaitin*

9 — Diante disto, deve necessàriamente admirar a declaração de P. Airosa: "O nosso trabalho, exaustivo sim, mas sem pretensão alguma, orientou-se no sentido de manter as restaurações tão próximas quanto possível do texto"...

A cada passo nós o vemos alterar o texto sem a menor necessidade:

LERY	Págs.	AIROSA	TUPI
icatoupaué	252	*ikatú pá oé*	*ikatupabé* (8)
guyapat	252	*guyrapár*	*jyapara* (9)
arouri	252	*arúri*	*arurin* (10)
igapen	252	*yapen*	*ygapema* (11)
icho	252	*ichoé*	*ixó* (12)

(8) Em nota (16) Airosa informa: "A tradução ao pé da letra, diria: tudo que é possível". — É inexata a observação. O Vocabulário na L. Bras. registra: "Copia ou multidão. — ...*Catupabé*". Sendo o *i* pron. da 3.ª p., a tradução literal é: "são muitos, é uma multidão".

(9) Airosa confunde *jyapara* (foice, Voc. na L. Bras., 242) com *guyrapara*, *ybyrapara*, *urapara* (arco, Voc. na L. Bras, 109). O mesmo êrro cometeu Batista Caetano. Léry distingue bem *guyapat* e *ourapat*. Fica assim prejudicada a nota (26) de Airosa.

(10) O *in* final é o prefixo de que falam Anchieta, 54, Figueira, 140s.

(11) A escrever *yapen*, Airosa deveria grafar tambem *yar*, não *ygar*.

(12) Não há necessidade de substituir *ichó* por *ichoé:* ambas são formas tupis: Anchieta, 22. O *i* é sufixo negativo; *chó* ou *choé* (*xó* ou *xoé*) partículas do futuro negativo.

aue	252	*oé*	*jabé* (13)
icho	253	*iché*	*ixó* (14)
tirouen	253	*tetimã*	*(te)tiruã* (15)
scheh	253	*che*	*sé* (16)
nan	254	*nã-eyn*	*nan* (17)
remiceco	256	*rembirekó*	*remirekó* (18)
icho	261, 256	*iché*	*ixó* (19)
gne	256	*gué*	*nhé* (20)
pe	256, 258, 261	*peen*	*pe* (21)
mè	257 bis	*eyn*	*umé* (22)
oueh	257, 258	*oé*	*(g)ué* (23)
porraossouvocare	258	*poriasúb okár*	*porausubokara* (24)
ny rekoib	258	*ndirekuábi*	*n(d)jarekói* (25)
tirouen	259	*tetiruã*	*tiruã* (26)
uh ecouap	259	*y-akuã*	*yekoaba* (27)

(13) Em sua nota (11) Airosa explica: "*Oé* (*aué* no texto) parece-nos contração de *oaé*, *o-aé*, êle diz, o que diz, aquêle, o qual, êsse mesmo, tal qual, etc. Vide Gonçalves Dias, Figueira, Ferreira França, Dicionário Brasiliano, Vocabulário na Língua Brasílica, etc.".

Não é mais simples admitir que *aué* seja alteração de *jabé* (como) do que propor uma forma desconhecida em tupi (*oé*), que "parece" ser contração de outra forma desconhecida (*oaé*)? Convém notar também que das obras alegadas, nem Figueira nem o Vocabulário na Língua Brasílica autorizam essa hipótese. Os outros, obras mais recentes e de muito menor valor, não conhecem *oaé* na acepção de "êle diz, o que diz".

(14) Airosa substitue *icho* por *iché*, sem necessidade. (V. nota 12).

(15) E provável êrro tipográfico a restauração *tetimã*, em vez de *tetiruã*. (Mas v. nota 26).

(16) Airosa, fugindo da tradução de Léry (je ne sai), restaura: *che* (eu). No entanto, às pp. 256 e 258, reconhece nas grafias de Léry, *seth* e *sceh*, a interjeição "não sei! sei lá!". V. Vocab. na L. Bras. 260 e 307.

(17) Sôbre *nan* ou *nã* (tantos), v. Anchieta, 10v., Figueira, 5. — Airosa abandona o texto e a tradução de Léry, tão claros, e propõe *nã-eyn*, que significaria precisamente o contrário, se tivesse uso em tupi.

(18) E mais usual em tupi *remirekó* do que *rembirekó*. Para quê alterar?

(19) Não tem cabimento *iché* (*ixé*) "eu", já que o verbo está na 2.ª p. O texto de Léry é que está certo. (V. nota 12). Só no guarani é que *ixé* serve no fut. neg.

(20) Na ortografia francesa *gue=nhe*. Sôbre esta partícula, v. Anchieta, 54, etc. — *Gué* nada significaria no contexto.

(21) O restaurador corrige o que está certo e introduz uma forma errônea. *Peen* nunca é possessivo nem prefixo pessoal de verbos. Para essas funções só serve *pe*, como vem em Léry. — Airosa confirma o seu êrro na nota (117).

(22) A partícula negativa do permissivo é *umé*, não *eym*. V. Anchieta, 18, 23; Figueira, 29.

(23) E a partícula de vocativo *gué* ou *ué* (melhor *oé*). Figueira, 9; Araujo, 91, passim.

(24) Não há em tupí o verbo *okár*. — A forma correta seria *poreausub*, no dialeto tupi.

(25) *Ndirekuábi*, além de distar mais do texto, não é palavra tupi.

(26) Léry emprega várias vezes a palavra *tiruã*, em lugar de *tetiruã*. É sinal de que existiam ambas as formas. *Tiruã* pelos outros documentos só se conhece no sentido de "até, mesmo".

(27) Léry traduz *uh ecouap* "riviere ou eau courante". O Vocab. na L. Bras., 376, registra: "Ribeiro, ou ribeira dagoa menos q. riacho. — *Igecoaba*".

nomognot	260	*namoñói*	*namonhote* (28)
aué	260	*jabé*	*abé* (29)
engaya-pe...?	261 bis	*ánga jaben...?*	*anga já-pe...?* (30)
quereme	262	*koromó*	*keremé* (31)
rementien	262	*ramatiá*	*ramatiã* (32)
usseh	262	*y séi*	*uséi* (33)
reuire	262	*rebyr*	*rebira* (34)
upe	262	*y upé*	*ype* (35)
rapoupit	262	*rapypy*	*rapupyra* (36)
che remyou recoap (ou *racoap*)	263	*che rembiú erekó épe*	*xeremiú erokoapa* (37)
carouc assi	263	*kaarú asy*	*karukasy* (38)
remiereco	267	*remirekó*	*remierekó* (39)

---

(28) Sôbre *namonhote*, v. Vocab. na L. Bras., 400.

(29) À p. 252 Airosa restaurara *aué* por *oé*, quando o certo era *jabé* (como). Aqui restaura *aué* por *javé*, quando o certo é *abé* (desde). "Desde" é a tradução do próprio Léry. Sôbre *abé*, v. Vocab. na L. Bras., 184, 188; Araujo. 112, etc.

(30) Sôbre *ja*, v. Figueira, 149; Vocab. na L. Bras., 399, 260, etc.; Araujo, 113, etc. A restauração de Airosa suprime também o interrogativo *pe*.

(31) Airosa confunde *keremé* com *koromó*. Sôbre *keremé*, evidente alteração de *eker umé* ou *eker imé* (não durmas! anda depressa!), v. Figueira, 135. Vocab. na L. Bras., 114. Sôbre *koromó*, v. Vocab. na L. Bras., 174 bis, 278, 245. Léry distingue. Sôbre *koromó*, v. p. 252.

(32) V. Vocab. na L. Bras., 292.

(33) V. Vocab. na L. Bras., 388.

(34) V. Vocab. na L. Bras., 394.

(35) Na ortografia francesa *upe* era a melhor forma de representar o tupí *ype* (à fonte). *Y upé* é inaceitável: a preposição *upé* no dialeto tupí só aparece sob a forma *supé*. Aliás nem *supé* em tupí, nem *upé* em guarani têm o sentido de direção para lugar. V. Anchieta, 43, Figueira, 121, 122, Montoya, Tesoro, 406v./400v.; Arte, 76.

(36) V. Vocab. na L. Bras., 292. Em Léry o *r* que se segue ao acento tônico se converte em *t*.

(37) O verbo usado por Léry está arrolado no Vocab. na L. Bras., 174: "Dar de comer. — ...*Acemiuerocoab.* act..., significa pprie. aquele ato de lhe por o comer diante ou servir a mesa". Precisamente o que diz Léry na sua versão: "Vien moi donner à manger". Cfr. a tradução latina: "Veni ut mihi cibum praebeas". A aparente diferença provém de que no Vocabulário os verbos ativos costumam vir acompanhados do pron. obj. da 3.ª p. logo após o prefixo verbal da 1.ª p., ao passo que em Léry e verbo está no gerúndio (exigido pela anteposição de *keremé*), 2.ª p., com o pronome objetivo da 1.ª p.

Airosa, demonstrando mais uma vez pouca familiaridade com o Vocabulário na L. Bras., "restaura" inteiramente a frase. Introduz o verbo *rekó*. que não significa "dar" mas precisamente o contrário "ter, reter, guardar, conservar, segurár".

(38) Sôbre *karuskasy*, v. Voc. na L. Bras., 387. Airosa em nota (125): "Mais corretamente dir-se-ia: *che kaarú hasy*"...

(39) O verbo *rekó* (ter, guardar, etc.), precedido do prefixo (*t*)*emi* faz (*t*)*emierekó*, de acôrdo com a regra dos verbos compostos do prefixo *ro*. Assim "o que tenho, o que eu guardo" diz-se *xe remierekó*, como escreveu Léry. Pode-se dizer *xe remirekó*, mas neste caso o verbo está substantivado e já significa "minha mulher". Sôbre esta regra, v. Restivo, Arte, 95. Léry distingue bem: v. p. 256.

Como se vê, as restaurações, em dados casos, distam do tupi mais do que o próprio texto mutilado da obra de Léry.

10 — Além disso, muitas restaurações são errôneas. Um ou outro exemplos:

LÉRY	Págs.	AIROSA	TUPÍ
soouar ousson	255	*sób ijarusú*	*soguer usú* (40)
kariau-piarre	256	*karió-peár*	*karió-piara* (41)
auge (ou *angé*)	256	*angé*	*aujé* (42)
gué (ou *qué*)	256	*ké*	*nhé* (43)
secouae	256	*sekuaái*	*sekóbae* (44)
iende ramouyuremiepiac potategue aouaire	258	*iandé ramui remiepiák potá, teinhé aú guéra*	*jandé ramui remiepiak potá teinhé puera* (45)
iende co ouassou gerre	258	*iandé kó guasú guér*	*jandé ko guasu jara* (46)
morerobiarem	258	*morerobiarã*	*morerobiareyma* (47)
oum	260	*oín*	*uim* (48)

(40) *Soguera:* folha caída; *soguerusú:* fôlha caída grande.
(41) Sôbre *piara*, v. Vocab. na L. Bras., 142.
(42) P. Airosa na nota (2) dá *augé* como correspondente tupí do guaraní *angé*. Na verdade são duas palavras distintas. Aqui se trata de *augé*, ou melhor *aujé*, alteração de *aguyjé*. Significa "bem, perfeitamente".
(43) *Ké* proposto por Airosa não vem ao caso. Léry deve ter escrito *gne* (*nhe*). Mais de uma vez no texto ocorre *u* em vez de *n*. Sôbre *nhe*, v. nota 20).
(44) Sôbre *sekóbae*, v. Voc. na L. Bras., 167: "Costume ser em alguem, ou de costume o ter êle". Cfr. 308, 420.
(45) Léry traduziu: "ce que nos grands pères voudroyent auoir veu et toutes fois ne l'ont point veu". A tradução de Airosa exigiria o verbo na forma *osepiapotar*. A palavra *guéra* fica sem sentido. *Teinhé* tem um *i* a mais, o que no caso prejudica a restauração. Propus a final *puéra* como correspondência do *aouaire* de Léry. Mas é possível que por êrro Léry tenha acumulado os dois particípios (*t*)*emi* e *saba* (no pretérito: (*s*)*aguera*).
(46) Léry verte: "qui nous fait auoir de grands iardins". Airosa transforma *gerre* em *guér* e traduz: "nossas grandes roças". Mas *gerre* em Léry corresponde sempre a *jara* (v. nota 49), e por outra parte não há exemplos de *guér* como particula de plural no dialeto tupí. A única versão possível é pois: "os senhores das nossas grandes roças".
(47) A versão de Léry é: "C'est une nation ne craignant rien". E a versão latina: "Est gens impavida". Airosa propõe a restauração: *morerobiarã*, e traduz: "serão impávidos". Mas *morerobiarã*, suposto que seja o futuro de *morerobiara*, significaria exatamente o avesso de "impávido", isto é, "obediente, respeitador, confiante, sujeito, submisso".—A restauração é: *morerobiareyma:* "orgulhoso, soberbo, altivo, insubmisso". V. Vocab. na L. Bras., 393.
(48) Airosa propõe *oín* e traduz: "É uma grande aldeia?". Mas *oín* significa "estar (quieto, sentado)". O interrogativo *pe* deveria, na hipótese, seguir-se a *oín*. — Sôbre *uim*, ou *guim*, *eguim*, *ebuim* etc. (aquêle, aquela), v. Figueira, 85, Anchieta, 21v., Araújo, 241, Vocab. na L. Bras., 268.

gerre	260 bis, 255	*guára*	*jara* (49)
gerre	257 bis	*(meen) gara*	*jara* (49)
gerre	258	*guér*	*jara* (49)
gerre	261	*guéra*	*jara* (49)
porace	262	*porosé*	*purakê* (50)
aico iren	265	*aikorã*	*aikó irã* (51)

11 — Certas palavras aparecem na restauração ora sob uma forma, ora sob outra:

LÉRY		AIROSA	
	Págs.		Págs.
pegassou	252	*apikasú*	254 *pykasú*
rouaguerre	256	*ruajára*	258 *robajára*
	258 e 261	*guéra*	258 *guér*

12 — Em dados casos, para reconstruir, Airosa propõe palavras que não se conhecem em tupi, pelo menos na acepção que lhes atribue. Alguns exs.:

Págs.		Págs.	
252	*oé*	258	*okár*
252	*rupé*	258	*tirekoáb*
253	*mutimuti*	258	*toerekoáb*
254	*eú*	258	*mã retá*

(49) Sete vezes ocorre em Léry a palavra *gerre*, e equivale sempre a *jara* (senhor):
1) *mossen ygerre*. Léry traduz: "garde des médecines, ou à qui medecine apartient; et en usent proprement quand ils veulent appeler une femme sorcière, ou qui est possedee d'un mauvais esprit; car *Mossen*, c'est medecine et *gerre*, c'est apartenance". A tradução coincide substancialmente com o verbete "Feiticeiro" do Vocab. na L. Bras., 234: "Também se chama *Moçanguijara*, senhor das mesinhas ou feitiços, pollos q. faz para matar". O têrmo figura também no Catecismo de Araújo, 222.
2) *mae gerre*. Em quatro casos *gerre* se acha precedido de *mae*. Traduz-se "senhor das cousas": *mbaé jara*. Airosa duas vezes restaura: *meengara* (benfeitores). De outra feita: "possuimos bens" (*oré imaéguára*). Finalmente num caso propõe: *maéguéra* (bens). V. pp. 257 bis, 260, 261.
3) *kaa gerre*. P. Airosa restaura *kaá guára* "silvestre" (p. 260). Tal hipótese é inadmissível. O suf. *guara* só se usa quando precedido de preposição ou advérbio. V., por ex., Restivo, Arte, 153. A única exceção (aparente?) é quando está depois da palavra *y* (rio). — A verdadeira restauração é: *kaá jara*: "senhor do mato".
4) Finalmente, à p. 258, Airosa restaura *gerre* por *guér*. Sôbre êste caso, v. nota 46).
Em resumo, para Plínio Airosa *gerre* é, conforme o caso, *guara*, *guera*, *guer*. Ora em Léry *guara* figura como *gouaaire* (Apontamentos sôbre o Abaneenga, 26), ou *gouare* (ib., 36); *guera* figura como *gouere* (ib., 70). — Que *gerre* corresponda a *jara* se infere também da palavra *rouagerre* (ib., 42, 50), "inimigo", conhecida em tupi (*tobajara*, com os possessivos da 1.ª e 2.ª pp.: *robajara*).
(50) Sôbre *purakê*, v. Vocab. na L. Bras., 167; Nomes das Partes do corpo, 37, 48.
(51) A forma exata é a de Léry, *iren* (na nossa ortografia: *irã* ou *iran*).

256	*gué*	260	*namoñói*
257	*aní apé*	260	*jaé*
257	*pororakaá*	261	*éi*
258	*ndirekuábi*	261	*inín*

13 — Por vezes existem as palavras, mas não nas formas que lhes dá:

AIROSA Págs.		TUPI	AIROSA Págs.		TUPÍ
250	*Rery*	*rerí*	255	*ojepeky aubé*	*ojepé nhote*
252	*amõ*	*amó*	256	*kuáp*	*kuab, kuáub*
253	*karã-mosé*	*karamosé*	256	*puyr*	*pyra*
253	*jetík*	*jetyka*	257	*tijerobiák*	*tijerobiar*
253	*tapirusú*	*tapiirusú*	257	*tipói*	*tipói*
253	*tapiití*	*tapití*	257	*taperekói*	*taperekó*
254	*mutún*	*mutun*	258	*poriasú*	*poreausub*
255	*setá-gué*	*setá nhé*	258	*aturasáp*	*atuasaba*

14 — A reconstrução labora em erros, às vezes graves, contra a gramática tupi:

Págs.: 256 — *Che rory gatú nde rúra ári.*
Devia ser: *nde rura ri. Ári* significa "sôbre, encima, na parte superior de". O mesmo êrro comete à pág. 257.

" 256 — *Nã peen amotarympe...?*
Devia ser: *na peiamotareymipe...?*

" 256 — *Nde rerúpe...?* "Trouxeste...?"
Não há tal forma em tupi. "Trouxeste...?" se diz, *ererurpe?* ou mesmo *ererupe?*. "Não trouxeste?" se diz *ndererúripe?* ou *ndererúipe?*

" 257 — *Te! ojoaé pororakaá pabén iandéve.*
Te no sentido de "emfim", anteposto ao verbo, levaria êste ao gerúndio.

" 257 — *Apó oé imeengara iandéve.*
O pron. *i* é inadmissível como sujeito do particípio *sara* com verbos transitivos.

" 257 — Em três casos emprega *eyn* em vez de *umé* ou *ymé*.

" 257 — *iandé mbaé rekosára.*

Devia ser: *rerekosara*, ou melhor *rerekoara, rerekuara*.

" 258 — *toirekói*.

Só podia ser *toguerekó* (ou também *toerekó*. Cfr. Anchieta, 38 v.).

" 258 — *Apoó mbaé ri jajerobiá*.

Labora em vários erros a frase. Para corresponder à tradução de Airosa, devia estar assim redigida: *mbaé xe remipoó ri ajerobiar*. Mas não é essa a frase de Léry.

" 258 — *Máramo santã gatú eymone?*

Em vez de *eymone* devia estar *eymamo: (r)amo* é o sufixo da conjugação subordinada ou relativa dos verbos predicativos, exigida aqui pela anteposição do advérbio. V. Anchieta, 38-40; Figueira, 91-98. Ainda aqui, portanto, o texto está mais próximo da verdade: *euin-amo*.

" 260 — *Norerekói*.

Só pode ser *noroerekói* ou *n(d)oroguerekói!* Léry: *moroerechih*.

" 261 — *Mobyr távape rerikóni maé?* Quantas aldeias existem?"

Rerikóni não existe em tupi... nem em guarani. Plínio Airosa deve ter querido escrever *rerekóu*. Mas ainda neste caso a frase fiça incompreensível.

" 262 — *Che rerú y:* "tragas-me água".

Em tupi a frase significa: "a água me trouxe"...

" 263 — *Sapég kuí amó:* "torra alguma farinha".

Falta o prefixo da 2.ª p. do imperativo *e: esapek kuí amó*.

" 264 — *Che remibojá:* "meu criado".

Airosa confunde *mimbuáia* ou *mimboáia* com *bojá*. Êste não se compõe do prefixo *(t)emi*. Não se dirá portanto *xe remibojá* mas *xe bojá*. O que Léry escreveu

foi *xe remimbuáia* (na sua grafia francesa: *chere miboye*). V. Vocab. na L. Bras., 169.

" 264 — *Che roák* (*roár*): "meus prisioneiros". Esclarece em nota: "agarrado, preso, vencido, prisioneiro".

Nada disso há em tupi. Há *xe reroar*, que significa: "agarra-me, agarram-me, arrebatam-me, caem sôbre mim". Mas *che roiac* de Léry é adulteração de *xe bojá*, "meu criado". (Léry: "ceux qui sont pour me servir"). V. Vocab. na L. Bras., 169.

" 266 — *Che reikó riré:* "estando eu".

A forma correta é: *xe rekó riré*. Cfr. Léry: *chere coruré*, "moi estant".

" 267 — *Túramo:* "vindo".

A conjunção em tupi é *reme*, que com o verbo no infinito faz *túreme*. É aliás a forma que mais se avizinha do texto: *touume*. Na linha seguinte vem *che rourme:* "comme en venant", o que na ortografia usual equivale a *xe rúreme*. Airosa torna a restaurar erradamènte: *che rúramo...*

15 — Não é de admirar pois que a maioria das frases restauradas fiquem sem sentido:

Págs.: 250 — *Te, oú reté henoín Rery-usú, imé.*
" 252 — *Augé eté ramo.*
" 253 — *...hepiak ipó eyn.*
" 254 — *Nã-eyn.*
" 256 — *Sekuái aipó oé nungá angaturáme iporo-rekó gatú.*
" 257 — *Te! ojoaé pororakaá pabén iandéve.*
" 257 — *Iporáng-eté-mo rekó iandéve.*
" 257 — *Tirú mbaé tiruã aní apé.*
" 258 — *Aã sasy pirã iandé remimenõ upé.*
" 258 — *Tisaáng apó oé marã iandé irun.*
" 258 — *Te! oipotár-eté iandé ramui rekobiár eté iandéve.*
" 261 — *Anga jabé peen rók inín?*

Estou certo de que nenhum índio entenderia essas frases. E como essas, inúmeras outras.

16 — Também as traduções de Airosa deixam muito a desejar. Alguns exemplos, além dos já mencionados ocasionalmente:

Págs.: 256– *Se rekó gatú puyr eyn etémo...* "Não sendo assunto realmente reservado...(dever-se-ia dizer...)".

Léry escreveu: *Serecogatou pouyr eim eté mo:* "Si ce nestoit une chose qu'on doit bien garder on devrait dire."

A forma exata é: "*Serekó gatú* (ou *katú*) *pyr eymetémo...* "Como se não fosse cousa para se guardar bem...". Sôbre *eymeté v. Vocab. na L. Bras.*, 387, Anchieta 26 *v.*, Figueira, 148.

" 257 — *Timarangatú apó oé pe:* pertençamos a eles".

Em tupi não há isso.

" 258 — *taé:* "digamo-lo".

Só pode ser: "que eu o diga".

" 258 — *tiamongetá iandé rekasára ri:* "Conversemos com os que nos procuram".

Devia ser: "Conversemos sôbre os que nos procuram". Cfr. Léry: "Colloquamur de iis quae nos invisunt". No próprio texto de Léry falta aliás o reflexivo recíproco *jo*. A forma exata seria: *tjajomongetá.*

" 258 — *jajerobiá:* "vanglorio-me".

A tradução exata é: "vangloriamo-nos".

" 260 — *Marã piang peen?* "Estais satisfeitos?"

A tradução latina é que exprime a idéia do texto: "Vos vero quid?".

" 263 — *Koromó che rembiú erekó épe:* "Dá-me, afinal, de comer".

Koromó significa: "daqui a pouco". *Erekó:* "tem, guarda, conserva (tu)". A verdadeira restauração e sentido da frase de Léry é inteiramente outro.

17 — Em nota prévia, P. Airosa estabelecera como norma "fugir sistemàticamente das interpretações dadas em francês pelo autor".

Nos casos em que realmente foge, não se sai bem da tradução. Exs.:

LÉRY		AIROSA
	Págs	
scheh (je ne sai)	253	*che* (eu)
nan (il y en a autant)	254	*nã-eyn* (não muitos, não assim)
iende porrauossouvocare (c'est ce qui nous met hors de tristesse)	258	*iandé poriasú okár* (nossa tristeza suprimem)

18 — Uma palavra ainda sôbre algumas das notas finais de Plínio Airosa.

Diz a nota 8: "Quanto ao fato de só contarem, os índios, até cinco, é êle tão verdadeiro quanto o que se referisse a não contarmos nós além de dez... só porque dizemos dez-e-nove, etc. Sendo cinco a base de sua numeração hão de dizer *chepó-ha-peteín* (cinco-e-um), *chepó-ha-mokõi* (cinco-e-dois) para exprimir seis e sete. Tal como os franceses, que dizem quatre-vingt-deux (4×20+2) para exprimir 82, os tupis diziam *mbohapyr-opá-ha-mokõi* (3×25+2) para enumerar 77...".

Tudo isso é de uma ingenuidade só comparável à de Sympson, que na sua gramática nheengatú "encontrou" tradução para os números mil, dois mil...

Na nota 10: "*Piriáng* é transcrição do que se acha no texto, e que supomos conexo com *piráng...*"

Para resolver suas dúvidas, basta recorrer ao Vocab. na L. Bras., 278: "Listrada cousa... — *Xepirian*", Listras... — *Piriana*, etc." (52). Aliás já Montoya no seu *Tesoro*, 240, indica a forma primitiva, *pĩñã*.

Na nota 13: "Léry escreve... *amó* por *amõ*".

---

(52) *Airosa* demonstra um conhecimento muito superficial do Vocabulário na L. Brasílica, bem como de Anchieta, e em geral dos autores clássicos no estudo do dialeto tupí. Quanto ao *Vocabulário na L. Brasílica* essa superficialidade se torna muito estranhável, quando consideramos que foi Plínio Airosa quem prefaciou, coordenou e publicou aquêle preciosíssimo inédito.

Não só Léry, mas em geral os autores que registram o dialeto tupi.

Léry, à p. 253, usara o advérbio *caramousee* na acepção de "mais tarde" (quelque autre fois). Na nota 29, Airosa observa: "*Karamosé* ou *karambohé*, segundo Montoya equivale a antigamente. Não nos parece bem empregado com o sentido que se colhe no Colóquio".

No entanto, o *Vocab. na L. Bras.* diz "Algum dia, fut — ...*Caramocen...*", "Tempo vindouro.—...*Caramocê...*"

Na nota 63, Airosa, que restaurara a palavra *heuou* de Léry por *eú*, explica êste último têrmo, ignoto no tupi, como "provável contração ou adulteração de *eúbae*, os tais, os que aí estão, etc.".

Já de si difícil, a restauração é impossível, por não existir *eúbae* no tupi. Dado que existisse, muito mais plausivelmente *eúbae* é que seria composto de *eú+bae*. — E há vantagem em restaurar êrros tipográficos por expressões cuja existência é apenas "provável"?

Léry, à p. 261, escrevera: "*Y can:* "sa teste". Airosa restaurou: *Iakã:* "sua cabeça". Até aí bem. Mas em nota 116 acrescenta: "Corretamente seria *ijakã*, sua cabeça, dêle".

Não vejo porque o *j*. A regra de Anchieta, (p. 6), completada pelos seus exemplos, é que se junta um *j* eufônico entre o possessivo *i* e as palavras começadas por *i* ou *y*.

Léry, à p. 251, escrevera *pe acan*, "votre teste". Airosa transcreveu: *pe akã* "vossa cabeça". Mas em nota 117 adverte: "Melhor seria *peen akã* ou *pendé akã*".

Ambas as formas apresentadas por Airosa são errôneas. *Peen* nunca serve de possessivo. E os substantivos começados por *r* é que convertem essa letra em *nd*, quando precedidos de *pe*: *pe+resá=pe ndesá*. Não é pois o caso de *akã*. É aliás êste um metaplasmo raro no tupi, mais comum no guarani. — A única forma certa é a que consta do texto do Diálogo.

Nas notas 19, 27, 28, 70, 149, Airosa propõe etimologias inaceitáveis.

19 — Muita cousa ficaria ainda por esmiuçar no trabalho do dr. Plínio Airosa. Basta dizer que de tôdas as suas frases em tupi, não há talvez dez completamente isentas de reparos.

Certo que P. Airosa é o primeiro a confessar: "Sendo esta a primeira tentativa que se faz de trasladar para o português o texto integral de Léry, diretamente do tupi-guarani, é de esperar-se apresente inúmeras falhas e senões".

É indiscutível a dificuldade da emprêsa assumida pelo catedrático de tupi. Acho-a mesmo irrealizável, enquanto não tivermos uma edição crítica do cap. XX da obra. O próprio Airosa considera a sua uma "tentativa, evidentemente ousada".

Penso porém que a tentarmos restaurar o tupi por semelhantes processos "ousados", será preferível ficarmos na eterna ignorância do verdadeiro conteúdo dos seus primeiros documentos.

Não há dúvida que a publicação da Livraria Martins assinala um retrocesso no estudo do tupi.

Obras Citadas

Anchieta (P. Joseph de) — *Arte de Gramática da Língua mais usada na costa do Brasil.* — Ed. de Bibl. Nac. Nac., Rio, 1933.

Figueira (P. Luiz) — *Arte de Gramática da língua Brasilica.* — Ed. de J. Platzmann. Leipzig, 1878.

Montoya (P. Antônio Ruiz de) — *Vocabulario y Tesoro de la lengua guaraní...* — Viena, 1876.

Montoya (P. Antônio Ruiz de) — *Arte de la lengua guaraní, ó mas bien tupí.* — Viena, 1876.

Restivo (P. Paulo) — *Arte de la lengua guaraní* por el P. Antônio Ruiz de Montoya... con los Escolios, Anotaciones y Apendices del P. Paulo Restivo. Prefacio e notas de C. F. Seybold. Stuttgard, 1892.

VOCABULÁRIO NA LINGUA BRASILICA — Manuscrito português-tupi do século XVII, coordenado e prefaciado por Plínio Airosa. São Paulo, 1938.

OS "NOMES DAS PARTES DO CORPO HUMANO PELA LINGUA DO BRASIL" DE PEDRO DE CASTILHO — São Paulo, 1937.

BATISTA CAETANO — *Apontamentos sobre o abanhenga.* Segundo Opusculo. O Diálogo de Léry. Rio, 1876.

ARAUJO (P. Antônio de) — *Catecismo Brasilico da Doutrina Cristãa* — Edição de J. Platzmann. Leipzig, 1898.

II

CARTA ABERTA AO Pe. LEMOS BARBOSA *

Snr. Rev.:

Acabo de ler, embora com algum atrazo, o seu artigo sôbre o "Diálogo de Léry". Quanta injustiça, quanta deslealdade e quanta pretensão conseguiu o Snr. reunir em tão poucas páginas! Que mal lhe fiz eu para merecer tratamento tão áspero? Não o recebi em minha casa com todo o carinho; não lhe dei todos os informes solicitados sôbre o *Vocabulário na Língua brasílica;* não puz à sua disposição os meus livros particulares; não citei o seu nome, como o de um amigo, no *Prefácio* daquele *Vocabulário;* não tolerei, em silêncio, algumas tolices suas publicadas pelo "O Estado de S. Paulo"; não deixei passar em branco as suas afirmações maldosas e insultuosas à memoria de Teodoro Sampaio? Quer ainda o Snr., à viva força, arrastar-me a uma polêmica para que possa pôr a sua pessoa em evidência? Pensa o Snr. que a denegrir e a amesquinhar a obra alheia é que ha de conquistar o renome que as suas vitimas conquistaram trabalhando e estudando honestamente e sem alarde? Não tenho tempo, Snr. Rev., a perder, e nem geito para meter-me nessa triste campanha de difamação que pretende chefiar com intuitos evidentemente subalternos. Não defendo os meus mestres, achincalhados pelo Snr., porque os seus achincalhes não os atingem; são mesquinhos demais para serem levados a sério. Quanto ao meu *Diálogo de Léry*, que o Snr. reputa de valor nulo, eivado de erros grosseiros e indigno de figurar numa edição da Livraria Martins, eu o desafio, com toda energia:

a) — a publicar esse mesmo "Diálogo" em versões francesa e latina, superiores as de que se serviu Batista Caetano, e nas quais baseei as minhas pesquizas;

(*) Publicada na "Revista Filológica" (Rio), n.º 19, de junho de 1942. (Conserva-se a grafia do Autor).

b) — a publicar a *sua* restauração do texto tupí; a *sua* tradução e os *seus* comentários, para que possamos discutí-los convenientemente.

Para que o Snr. não se recolha ao silêncio, alegando não lhe convir responsabilizar-se pelos gastos de impressão do *seu Diálogo*, declaro que correrão por minha conta esses gastos, se assim o desejar.

Tupã tomaê nde rehé,

Plynio Airosa

III

AINDA "O DIÁLOGO DE LÉRY"*

Em artigo estampado nesta Revista (n.º 16), sob o título "O Diálogo de Léry", chamei a atenção dos estudiosos para os gravíssimos erros cometidos por Plínio Airosa no "Diálogo de Léry" (tradução, restauração e comentários).

Pelo n.º 19 desta mesma Revista o Professor Plínio Airosa me endereçou violenta carta-aberta, da qual extraio alguns tópicos, fazendo-os seguir da devida resposta.

"Quanta injustiça, quanta deslealdade e quanta pretensão conseguiu o Sr. reunir em tão poucas páginas!"

Tôda vez que lhe imputei algum êrro, documentava minha afirmação com a doutrina ou exemplos das maiores e mais antigas autoridades da língua tupi, só deixando de o fazer quando o êrro era primário ou por demais evidente. Deslealdade é acusar-me de desleal, sem o provar.

Pretensão minha, por mais que dela procure vestígios em meu artigo, não na encontro. A não ser que o Sr. Airosa considere pretensão qualquer crítica às suas lições.

"Que mal lhe fiz eu para merecer tratamento tão áspero?"

A mim o Sr. Airosa não fez mal algum, mas tem-no feito e muito ao estudo do tupi, com suas publicações irresponsáveis. A todo e qualquer leitor cabe o direito, se não o dever, de criticá-las. Eu procurei usar de franqueza, mas também de serenidade, com o único fito de orientar os novatos no estudo do tupi, matéria na qual Plínio Airosa vem de longo tempo semeando confusão. Em meu estudo não há uma só palavra áspera. Há sim a indicação objetiva, diria mesmo fria, dos seus êrros. O Sr. Plínio Airosa pode-se zangar, mas... consigo mesmo.

(*) Paralisada a publicação da "Revista Filológica", esta resposta se encontrava há mais de ano na Redação. Já desistira mesmo de imprimí-la, a conselho de vários amigos, que viam na carta-aberta de Plínio Airosa a melhor prova da objetividade de minha crítica. Sou agora obrigado a pedir novamente a sua publicação, já que o Sr. Airosa, em sua recente *Bibliografia da Língua Tupí-Guaraní*, se gaba de meu prolongado silêncio.

"não tolerei, em silêncio, algumas tolices suas publicadas pelo "O Estado de S. Paulo"...?"

Refere-se o Sr. Airosa a meu artigo "Os índices de classe em tupi", publicado naquele periódico (25-8-40). Nesse estudo demonstrei, com numerosos exemplos de Anchieta e do *Vocabulário na Língua Brasílica*, que havia em tupi, como em numerosas outras línguas, o conceito e o processo gramatical de classe.

Minha idéias e provas, para o Sr. Airosa, são tolices. Talvez porque me referi nestes têrmos à sua pessoa: "Tudo indica que também a Airosa passou despercebida a lição de Anchieta e do Vocabulário."

Pergunto entretanto se tem direito de se admirar das tolices alheias quem escreveu passagens sublimes como esta: "De qualquer forma, porém, nestas que consideramos iniciadas por consoante, há encapsulada a idéia de não possessão, e semivelada a idéia de relações de *mim*, de *ti*, etc., porque semi-expressa está ela graças a presença dos pronomes *che*, *nde*, etc." (P. Airosa. *Dos Índices de Relação Determinativa de Posse no Tupi-Guarani*, tese de concurso, p. 44).

"não deixei passar em branco as suas afirmações maldosas e insultuosas à memória de Teodoro Sampaio?"

Refere-se o Prof. Airosa a meu artigo na Revista do Arquivo Municipal de S. Paulo (vol. LXVII, junho de 1940), intitulado "Teodoro Sampaio e Hans Staden".

Comecei aquêle estudo tributando uma homenagem a Teodoro Sampaio: Definia a sua obra "a maior síntese do influxo tupi em nossa nomenclatura geográfica". Acrescentava: "Os capítulos introdutórios do *O Tupi na Geografia Nacional* têm páginas definitivas sôbre o assunto." (p. 223) Mas fazia uma ressalva: "...quando Teodoro Sampaio abandona as posições seguras da evolução das palavras indígenas nos documentos antigos para se aventurar pelo campo perigoso das etimologias ou da gramática indígena, raramente se sai bem. E isto por uma razão muito simples: Sampaio não aprofundou o tupi.',

A seguir provo meticulosamente que "a restauração e explicação que propõe para as frases indígenas (de Hans Staden) são tôdas deficientíssimas."

Vejo agora que as restaurações propostas por mim foram integralmente aceitas na nova edição alemã de H. Staden (*Zwei Reisen nach Brasilien*, S. Paulo, 1941).

"Quer ainda o Sr., à viva fôrça, arrastar-me a uma polêmica para que possa pôr a sua pessoa em evidência? Pensa o Sr. que a denegrir e a amesquinhar a obra alheia é que há de conquistar o renome que as suas vítimas conquistaram trabalhando e estudando honestamente e sem alarde? Não tenho tempo a perder, e nem jeito para meter-me nessa triste campanha de difamação que pretende chefiar com intuitos evidentemente subalternos."

Se não mereço que me responda, por que me responde? Se me responde, por que não se digna defender os seus erros?

"Não defendo os meus mestres, achincalhados pelo Sr., porque os seus achincalhes não os atingem; são mesquinhos demais para serem levados a sério."

Releio atentamente meu estudo sôbre Teodoro Sampaio e pergunto onde há frase ou expressão alguma que possa parecer achincalhe.

Na realidade tudo isso não passa de artifício do Sr. Airosa: confundir o seu caso com o dos seus mestres e atribuir-me a preocupação de agredir.

Mas eu distingo bem entre Sampaio e Airosa. O pouco que há de aproveitável, p. ex., nas *Primeiras Noções de Tupi* (P. Airosa) é haurido discretamente em *O Tupi na Geografia Nacional* (T. Sampaio).

E não tenho a preocupação de denegrir. Quando o Sr. P. Airosa publicou o célebre inédito de princípios do séc. XVII, *Vocabulário na Língua Brasílica*, eu, em artigo no "O Diário", de B. Horizonte (10-10-38), saudei com entusiasmo o aparecimento daquela obra. A opinião que naquela época eu formava sôbre P. Airosa se baseava exclusivamente no seu renome. As muitas falhas do seu livro *Primeiras Noções de Tupi* eu levava à conta de des-

cuidos de grande catedrático, que escrevesse às pressas uma obra superficial de divulgação. Essa impressão posteriormente se foi desfazendo, à medida que P. Airosa em sucessivas publicações definia a sua ignorância. Hoje me fica apenas uma sensação de dó, ao ver a audácia ou irresponsabilidade com que o catedrático corrige textos certos, substituindo-os por "restaurações" falsas, e a imperturbabilidade com que *inventa* palavras e frases inteiras e atribui-as à língua tupi.

"Quanto ao meu "Diálogo de Léry, que o Sr. reputa de valor nulo, eivado de erros grosseiros e indigno de figurar numa edição da Livraria Martins, eu o desafio, com tôda energia:

a) — a publicar êsse mesmo "Diálogo" em versões francesa e latina, superiores às de que se serviu Batista Caetano, e nas quais baseei as minhas pesquisas;

b) — a publicar a SUA restauração do texto tupi; a SUA tradução e os SEUS comentários, para que possamos discuti-los convenientemente."

Êsses dois desafios são uma dupla deslealdade.

O primeiro me deixa *perplexo*. Onde foi que eu escrevi palavra alguma contra as traduções francesa e latina de que se serviu Batista Caetano? Se, pelo contrário, mais de uma vez, eu as citei para corrigir as traduções ou restaurações de Airosa! Ou o Sr. Plínio terá esquecido que foi *êle*, e não eu, quem se propôs a "fugir sistemàticamente das interpretações dadas em francês pelo autor" (p. 248)?

Não é deslealdade atribuir-me uma opinião que nunca foi minha, mas *sua*, e desafiar-me a defendê-la?

O segundo desafio é uma segunda deslealdade. Ao criticar o trabalho do Prof. Airosa eu declarara: "É indiscutível a dificuldade da emprêsa assumida pelo catedrático de tupi. Acho-a mesmo *irrealizável*, enquanto não tivermos uma edição crítica do cap. XX da obra." Palavras e frases inteiras estão de tal forma desfiguradas pelos erros tipográficos que em muitos casos não se podem mais identificar, nem mesmo com o auxílio das velhas traduções. O próprio Sr. P. Airosa informa: "...o colóquio não podia deixar de sofrer deturpações e de eivar-se de erros tipográfi-

cos à medida das reedições e traduções da obra." (p. 247) E nos seus comentários: "O texto aqui está deturpadíssimo" (p. 275), "Os erros tipográficos e as adulterações das frases tupis aqui se tornam clamorosos..." (p. 276), etc.

Diante dêsses mistérios tipográficos, se o Sr. Airosa tivesse confessado a sua ignorância, muito honrosa, eu não o teria repreendido. Ter-lhe-ia também perdoado se, para substituir os pastéis, houvesse proposto frases descabidas no texto, mas pelo menos gramaticalmente certas. Mas que faz o Sr. Airosa? *Restaura* todos os erros tipográficos, substituindo-os por palavras e frases que nunca existiram em tupi. E, o que é pior, muita vez risca o que está certo e introduz formas errôneas.

Não é deslealdade desafiar-me a fazer uma restauração que de antemão eu confessara "irrealizável"?

Não, o Sr. Airosa bem sabe que eu não lhe vou fazer companhia nessa inglória tarefa de decifrar mistérios de imprensa e de inventar tupi. Não posso ser obrigado a isso, só pelo fato de ter denunciado as suas mistificações.

Não quisera terminar sem dirigir um desafio ao catedrático de tupi. Mas, como sei que o Sr. Airosa *não se dignaria* ouvir-me, prefiro instituir um prêmio. Comprometo-me a pagar a quantia de cinco mil cruzeiros a quem demonstrar que existem em tupi as seguintes palavras usadas por Airosa na sua restauração (na acepção que lhes atribui):

p. 252 — *oé*
p. 257 — *aní apé*
p. 257 — *pororakaá*
p. 258 — *ndirekuábi*
p. 258 — *okár*
p. 258 — *tirekoáb*
p. 258 — *toerekoáb*
p. 258 — *mã retá*
p. 260 — *namoñói*
p. 260 — *jaé*
p. 261 — *éi*
p. 261 — *intn*

ou as seguintes usadas pelo mestre de Airosa, Teodoro Sampaio:

p. 61 — *pipig* (ferve)
p. 61 — *mocecy* (faça mal)
p. 66 — *oquara* (recolhe-se)
p. 67 — *ichebe* (eu)
p. 67 — *pipike* (vingo)
p. 91 — *omô* (trouxe)
p. 156 — *t'mbaeraba* (suceda)
p. 156 — *amboé* (má)

Igual prêmio a quem analisar e comprovar cada palavra das seguintes frases de Airosa:

p. 250 — *Te, oú reté henoín Rery-usú, imé*
p. 252 — *Augé eté ramo*
p. 253 — *...hepiak ipó eyn*
p. 254 — *Nã-eyn*
p. 256 — *Sekuái aipó oé nungá angaturáme iporo-rekó gatú*
p. 257 — *Te! ojoaé pororakaá pabén iandéve*
p. 257 — *Iporáng-eté-mo rekó iandéve*
p. 257 — *Tirá mbaé tiruã aní apé*
p. 258 — *Aã sasy pirã iandé reminenõ upé*
p. 258 — *Tisaáng apó oé marã iandé irun*
p. 258 — *Te! oipotár-eté iandé ramuni rekobiár eté iándéve*
p. 261 — *Anga jabé peen rók inín?*

A lista poderia ser multiplicada muitas vêzes.

Se, para concluir, me fôsse lícito dirigir-me ao oráculo de S. Paulo, só uma cousa lhe pediria, a bem das letras pátrias: que fizesse a restauração e nos desse a tradução comentada daquela enigmática frase tupi do século XVI:

Madna so sotap mes sotapas

A. LEMOS BARBOSA

Apêndice

OS PROCESSOS CRÍTICOS DE PLÍNIO AIROSA

NOTAS À MARGEM DA SUA "BIBLIOGRAFIA DA LÍNGUA TUPI-GUARANI"

Na absoluta impossibilidade de defender os seus erros, o sr. Plínio Airosa decidiu vingar-se de mim, na crítica que fez aos meus estudos, em sua "Bibliografia da Língua tupi-guarani". (*)

Acompanhemo-lo passo a passo.

1. — *O locativo tupi na toponímia brasileira.* In *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, ano IV, vol. XXXVIII, São Paulo, 1937.*

Nesse meu estudo o Professor Airosa só chama a atenção para uma referência minha à obra de Teodoro Sampaio. *"Aquela afirmação* — valiosíssima obra — *referindo-se à obra do inolvidável Teodoro Sampaio, é estranhável,"* diz Airosa, em vista de outro artigo meu "Teodoro Sampaio e Hans Staden", publicado na mesma Revista.

Em ambos os artigos eu tecera as melhores referências a Teodoro Sampaio, embora em ambos lhe fizesse as devidas ressalvas. Que faz o Prof. Airosa? Com refalsada má fé, trunca o meu pensamento nos dois artigos, para opô-los um ao outro. Do primeiro extrai só as referências boas, e do segundo só as ressalvas. É isso processo elegante de criticar?

2. — *Teodoro Sampaio e Hans Staden. Reparos sôbre as anotações de Teodoro Sampaio às palavras e frases tupis contidas na "Viagem ao Brasil" de Hans Staden.* In *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, ano VI, vol. LXVII, São Paulo, 1940.*

(*) Apontamentos para a Bibliografia da língua tupí-guaraní. Boletim XXXIII da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1943, pp. 146 e 147.

Começa o Professor a sua crítica dizendo de minha pessoa: *"caracteriza-se nitidamente pelo tom dogmático que dá aos seus escritos"*.

Ha algum mal nisso, desde que o tom dogmático se assente na verdade? Não é até de desejar que a verdade se manifeste por afirmações bem definidas?

Mas o Prof. Airosa, que chama "tom dogmático" ao estilo claro e preciso, tem suas preferências por outra modalidade literária, que se poderia qualificar de "tom nebuloso".

Em duas espécies de circunstâncias êsse tom presta relevantes serviços ao catedrático de São Paulo:

1.º) Quando o Professor não sabe bem o que vai escrever. Lendo a Airosa, tem-se a cada passo a impressão que o autor pega da pena, começa a frase, enuncia o sujeito, sem saber exatamente qual vai ser o predicado. No meio do período começa a titubear, a tactear, a correr de um para outro lado, procurando o predicado ou algum complemento, como quem estivesse brincando de esconder com as idéias.

2.º) Quando o Professor, para sua própria glória de sábio, quer tornar o tupi mais difícil do que o é na realidade. Incapaz de uma observação própria acertada (ha anos que em vão eu a procuro nos seus livros e artigos), Airosa se especializou na ciência de complicar as cousas simples, de dificultar o que é fácil, e de obscurecer o que já está claro, para depois poder apresentar-se como esclarecedor. Quem ler as páginas 52, 53 ou seguintes de sua tese de concurso, desistirá definitivamente de estudar o tupi, ao dar com êstes e outros enigmas algébricos:

a) Pr+r(a)TR, h(a)T, gu(a)T, Tr+r(a)TR
b) Pr+r(e)TR, h(e)T, gu(e)T, Tr+r(e)TR
c) Pr+rTR(-ç), hT(-ç), guT(-ç), Tr+rTR(-ç)

(p. 58)

a) Pr+TR, iT, oT, Tr+TR (hó)
b) Pr+TR, iT, oT, Tr+TR (bebé)
c) Pr+rTR, hT, guT, Tr+TR (ayhú)
d) Pr+TR, iT, oT, Tr+TR (páb)
e) Pr+TR, iT, oT, Tr+TR (beráb)
f) Pr+rTR, hT, guT, Tr+rTR (ar) (p. 68)

Mal sabe o ingênuo iniciante que tudo isso é fumaça que encobre a indigência intelectual do autor, e "farol" para deslumbrar os leigos na matéria. Espero ainda ter oportunidade de analisar acuradamente aquela indigesta tese de concurso, que, adestrado na difícil arte de escrever muito e de dizer pouco, o Professor Plínio Airosa redigiu tôda nessa toada. A preocupação de impressionar, de ser confuso e difícil já começa pelo título empolado: *"Dos índices de relação determinativa de posse no tupí-guaraní"*, que outro, menos nebuloso e mais "dogmático" redigiria simplesmente: *"Os possessivos em tupi-guarani"* (1).

"Anchieta, Teodoro Sampaio, Batista Caetano, etc., etc., são todos, para o A., simples auto-didatas que mal perceberam os segredos do tupi-guarani..."

Para formar esta frase, que não é minha, e lançá-la contra mim, o Professor Airosa teve de recorrer a várias manobras.

Em artigo sôbre "Os índices de classe no tupí", eu escrevera: "Os especialistas de nossas línguas selvagens não empreenderam ainda uma síntese completa da gramática tupi. Todos autodidatas, os seus conhecimentos ressentem-se frequentemente de notáveis deficiências. Muitos se limitam a repetir, com adaptações de forma e sem a devida crítica, as velhas lições de Batista Caetano, Couto

(1) Em vários estudos Airosa demonstra supor que exista uma língua tupi-guarani. Eu só conheço *as línguas* ou melhor, os dialetos tupi e guarani. Conheço tambem *a família* ou grupo (de dialetos ou linguas) tupi-guarani. Mas não coheço *a língua* tupi-guarani. Ainda bem que neste particular o Professor não erra sozinho...

de Magalhães ou Teodoro Sampaio. Os grandes mestres, Anchieta sôbre todos, e Figueira, continuam pouco conhecidos. Assim explico porque se apresentem às vezes, como novas, soluções de problemas já propostas pelos velhos gramáticos, e por que lições inteiras daqueles mestres sejam ignoradas pelos autores recentes".

Quem confronta esta passagem com a afirmação que me atribui o Professor Airosa, vê logo a desonestidade do crítico. Referia-me aos especialistas *atuais* (e pensava no catedrático de S. Paulo), que se limitam a remoer eternamente as lições de Batista Caetano, Sampaio, etc., e que ignoram os grandes mestres, Anchieta, sôbre todos, e Figueira.

Longe de menoscabar a obra de Anchieta, eu sempre a exaltei como fonte de informação, baseando nela todos os meus estudos, e citando-a a cada passo.

De Batista Caetano eu dissera: "O próprio Batista Caetano, tão perspicaz, não vislumbrou a existência dos índices de classe" — respeitoso reparo, que mais exalta do que diminua o grande americanista.

Coincide que Teodoro Sampaio e Batista Caetano foram realmente, e tiveram de ser por fôrça, autodidatas. O mesmo Anchieta até certo ponto o foi, enquanto que não teve professor, a não ser o índio. Mas eu não dou um sentido necessàriamente pejorativo a "autodidata". Pois se eu mesmo o sou...! Ha duas classes de autodidatas. Há-os que por si mesmos chegaram ao conhecimento de uma matéria, sem auxílio de mestres. A maior desvantagem que levam é a do desperdício de tempo: por vezes gastam anos em conquistar aquilo, que depois serão capazes de transmitir em meia hora. Correm também o perigo de se julgarem "descobridores" de fatos já explorados por outros. E ha os autodidatas aventureiros, que mal começando a estudar o assunto, já se põem a escrever e a fazer conferências. Se por qualquer circunstância, pelo lugar que ocupam ou pela ignorância do público, logram obter certa fama, tornam-se perniciosos. Obrigados a falar,

entregam-se à faina de semear o êrro e de desorientar os incipientes.

O primeiro autodidatismo, evitados os perigos, em vez de diminuição, é uma glória. Para os da segunda classe, só haveria um remédio: conseguir que êles estudassem...

Prossegue Plínio Airosa: *"Êste artigo, como os demais, é de crítica acerba, voltada para as pesquisas exaustivas e honestas de Teodoro Sampaio"*.

V. resposta em meu artigo *"Ainda o Diálogo de Léry"*.

"Não cabe aqui, e nem aproveitaria a ninguém a análise das restaurações, algumas realmente infantis" — declara o Professor Plínio — as quais eu julguei *"dignas de substituir as* deficientíssimas *restaurações e explicações de Sampaio..."*

Outra atitude deselegante para um crítico: desmerecer o trabalho criticado, sem aduzir provas e sem especificar um só êrro que seja, tornando destarte impossível qualquer defesa. Abusando do seu renome e da confiança do público, o Professor se esquece de que está preparando para à sua lealdade um juízo tão severo, dos entendidos, quanto o que espera a sua obra.

3. — *Juká, o paradigma da conjugação tupi. Estudo etimológico-gramatical.* In *Revista Filológica, n.º 12, ano II, novembro de 1941, Rio de Janeiro, 1941.*

"O A. é, evidentemente, uma das vítimas do autodidatismo, por êle mesmo tão censuradas em artigo que publicou no jornal "O Estado de S. Paulo". Êste e outros pequenos escritos do A., muito jovem ainda, revelam a sua preocupação de encontrar novidades e erros nos trabalhos dos grandes mestres da língua, já falecidos".

Da "preocupação de encontrar novidades e erros" já me defendi (V. "Ainda o Diálogo de Léry"), bem como das censuras ao autodidatismo (V. êste mesmo capítulo, mais atrás).

Que eu procure alvejar especialmente os *já falecidos* é malévola e injusta insinuação, desesperado recurso de contra-ofensiva do Professor Airosa. Está aí, *vivo*, o próprio Professor Airosa, para atestar que escrevi um longo artigo de crítica à sua restauração do "Diálogo de Léry". Além dêsse, só publiquei um estudo crítico, à obra de Teodoro Sampaio, sôbre cujo "O Tupi na Geografia Nacional", quando ainda vivo o autor, eu já estampara uma apreciação imparcial. Não conheço outros escritores vivos que tenham trabalhos apreciáveis sôbre a língua tupi.

"A propósito do verbo juká *faz o A. uma série de considerações de ordem histórica, para concluir que* juká *não significa* matar, *mas* quebrar o pescoço..., *etc., baseado na falsa hipótese de terem sido, os tupi-guaranis do Brasil, os criadores do verbo* juká".

Em meu artigo, depois de considerações de ordem histórica e *filológica*, concluí que *juká primitivamente significava* "quebrar o pescoço". Em outras palavras, dei a *etimologia* da palavra. O sr. Plínio Airosa, não sei se por cúmulo de desonestidade ou se por sofrer a um tempo de presbitismo e de miopia intelectuais, desvirtuou totalmente as minhas palavras, tão explícitas.

Quanto à hipótese a que alude o Professor, eu não a formulei nem subentendi, nem vejo em que poderia servir à demonstração de minha tese. Pura imaginação do crítico.

"O trabalho está cheio de incoerências e de afirmações apressadas".

Quais? Um exemplo, sequer?!

Em resumo. São os seguintes os estratagemas de que se socorre Plínio para desacreditar-me:

1) colocar-me em contradição comigo mesmo

2) atribuir-me opiniões que nunca adotei

3) truncar as minhas frases para combiná-las com outras frases truncadas

4) acusar-me vagamente de erros, não dizendo quais sejam, sob o pretexto de que são infantis e de que não aproveitaria a ninguém examiná-los

5) desmoralizar o valor de minha crítica, alegando que tenho o vêzo de encontrar erros nos grandes mestres, já falecidos.

Etc.

Suponho que em meus trabalhos deva haver erros. Ficaria agradecido se o Professor Airosa, depois de estudar melhor o tupi, se servisse indicar-mos, um por um. Para mim seria proveitosa lição, e para Sua Senhoria uma lida mais distinta que essa de alterar criminosamente os escritos alheios.